

Oitenta anos da Revolução Constitucionalista - Referências irradiadas em 1932¹

Pedro Serico Vaz Filho²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO:

Esta pesquisa, intitulada “Oitenta anos da Revolução Constitucionalista - referências irradiadas em 1932”, tem característica documental e procura demonstrar o desenvolvimento do rádio a partir das transmissões dos acontecimentos sobre a Revolução de 1932, que neste ano de 2012 completa oitenta anos. Este movimento político teve registros importantes nas vozes de dois renomados locutores: César Ladeira e Nicolau Tuma, que atuavam naquele período na rádio *Record*, de São Paulo, cidade palco de importantes desencadeamentos do referido conflito político. Este evento possibilitou também transformações significativas nos meios de comunicação intensificando a parceria entre veículos impressos e radiofônicos.

PALAVRAS-CHAVES: Rádio; Jornais; Revolução; História; Comunicação.

¹Trabalho apresentado no GP Rádio - Mídia Sonora, do XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestre em comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Doutorando na Universidade Metodista. Professor das disciplinas Radiojornalismo e Rádios Educativas, Comunitárias e Culturais, na Faculdade Cásper Líbero, gerente da rádio *Gazeta AM*, de São Paulo. Atividades exercidas: Coordenador da *Rádio Universitária* da Faculdade Cásper Líbero, professor palestrante da ECA/USP, apresentador, redator, repórter e produtor com atuações nas rádios: *Record*, *Capital*, *América e Sistema Globo de Rádio*, na *TV*, *Gazeta* e nos impressos: *Diário Popular* e *Metrô News*.

Introdução:

Nesta pesquisa, denominada “Oitenta anos da Revolução Constitucionalista - referências irradiadas em 1932”, são apresentados resgates da história da cobertura do referido conflito político e a dimensão que este movimento teve diante dos meios de comunicação da época, sobretudo o rádio, que ganhava popularidade, entre outros fatores por atender uma população brasileira, com maioria analfabeta. Neste sentido, duas vezes marcaram a transmissão do então conflito. Eram dos locutores César Ladeira e Nicolau Tuma, que trabalhavam na rádio *Record*, em São Paulo, que tinha endereço no centro da capital paulistana, local de concentração de manifestações. Os diversos estudos sobre a Revolução de 1932, e a relação deste movimento político com os meios de comunicação daquela época, destacam um período de enfrentamentos e desafios sobretudo para o rádio. Até então, os principais veículos noticiosos eram os impressos. O rádio brasileiro, que surgira na década de 1920, limitado em muitos aspectos nos processos de emissão e recepção, vai ocupar na década seguinte um espaço de destaque, principalmente pela linguagem destinada aos ouvidos.

1 – Nicolau Tuma e César Ladeira, vozes da Revolução Constitucionalista.

No Brasil e no exterior, surgiam previsões geradas em torno do rádio. Pensadores inquietos, diante do aparelho que comunicava, avaliavam o poder do rádio e vislumbravam a infinita trajetória desse meio em comparação aos veículos impressos. Esta relação contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da sociedade brasileira que nos anos vinte, antes da popularização do rádio, era formada por aproximadamente setenta por cento de analfabetos.

As publicações mais constantes sobre rádio, tanto das referências de reprodução de escutas, como as notícias sobre a programação e profissionais do meio, se intensificam com a consolidação do veículo, a partir dos anos 30. Na época, um dos maiores dramaturgos contemporâneos, poeta e cronista, alemão, Bertold Brecht já alertava para um rádio “que não se limitasse à transmissão de informações, mas que organizasse a coleta de informações, isto é, que transformasse as informações dadas pelos governantes em respostas às questões dos governados (1970:138)” (NUNES, 2000: 38).³

³NUNES, Monica Rebecca Ferrari. **O mito do rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume Editora, 1993. Página 38.

Falar para a massa que não sabia ler, foi um dos fatores relevantes para o olhar mais criterioso do governo da década de 1930, sobre as possibilidades radiofônicas. “O rádio estava chegando para quem nem sabia assinar o próprio nome, ou somente isso. Claro que logo o governo fez esta observação e tratou de controlar as estações, tanto ou mais do que fazia com os jornais e revistas da época”, ressaltou o advogado e radialista Nicolau Tuma (1911 – 2006),⁴ em entrevista exclusiva concedida ao autor deste artigo, em de julho de 2002. “O sujeito podia não saber escrever, mas podia pensar”, completou. Na época, aos noventa e um anos de idade, Tuma recordou a atuação que teve na rádio *Record*, durante o movimentado período da Revolução de 1932, quando era locutor, dividindo as transmissões com o também locutor César Ladeira (1010 – 1969). Ambos tornaram-se famosos a partir de então, pelo talento diante dos microfones e pelas ações políticas. Os dois, entre muitos radialistas da época, são personagens e testemunhas do crescimento do rádio, que apesar das restrições técnicas do período, demonstrou poder estabelecendo-se a partir daquela década de 1930.

O quadro político passava por ebulições, conseqüentemente os meios de comunicação também, principalmente o então recente rádio, que mudava o foco almejado e idealizado pelo principal nome da introdução do rádio no Brasil, Edgard Roquette-Pinto (1884 – 1954)⁵, que visava a educação pela programação radiofônica. A filha dele, Carmem Lúcia Roquette-Pinto⁶, completa: “O rádio para ele era um veículo da democratização da informação”, afirmou. “Depois, na década de 30 a gente já começa a ter alguém que é Getúlio Vargas, com uma visão muito clara do que o rádio significava. Tudo aquilo que Roquette-Pinto podia fazer pela educação, Getúlio Vargas começou a perceber que podia fazer pela política” relatou a professora e escritora Sonia Virginia Moreira⁷ em palestra proferida em 27 de setembro de 2006, no estúdio sinfônico da rádio *MEC*, no Rio de Janeiro.

⁴ TUMA, Nicolau. Informações colhidas em entrevista exclusiva ao autor deste artigo, em julho de 2002.

⁵ ROQUETTE-PINTO, Edgar. Médico, antropólogo, etnólogo, professor, escritor. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, considerado como o pioneiro do rádio no Brasil, foi fundador, ao lado de outros companheiros, da rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923. Nascido no Rio de Janeiro, em 1884 e morreu na mesma cidade em 1954. Idealizava a educação através de programação radiofônica.

⁶ ROQUETTE-PINTO, Carmem Lúcia. Filha de Edgard Roquette-Pinto, concedeu entrevistas ao autor deste artigo nos anos de 2002 e 2007, destacando os ideais do pai.

⁷ MOREIRA, Sonia Virginia. Professora, doutora em Ciências da Comunicação, presidiu a Intercom, Sociedade de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, no período de 2002 a 2005. É autora de diversas publicações relacionadas à evolução da radiodifusão

Eram inúmeras as demonstrações da intensa relação do presidente Getúlio Vargas com o meio radiofônico. Entre estas uma reportagem intuturada “Grande Amigo dos Radialistas”, na *Revista do Rádio*, publicação de grande circulação no país, principalmente no final dos anos quarenta e década de 1950. Em fevereiro de 1948, quando o rádio brasileiro já havia sido registrado em diversas publicações, incluindo as exclusivas revistas de determinadas emissoras, surgia a *Revista do Rádio*, lançada pelo radialista e autor de radionovelas Anselmo Domingos. A publicação era mensal e após um ano do lançamento distribuía cinquenta mil exemplares, muito próximo da primeira revista em vendagem na época que era *O Cruzeiro*.

GRANDE AMIGO DOS RADIALISTAS

A morte, em circunstâncias trágicas, do Presidente Getúlio Vargas, ocorrida às primeiras horas do dia 24 de agosto passado, comoveu todo o país e, especialmente, o rádio e os radialistas. O antigo Presidente da República, mostrara-se sempre um amigo dos artistas, atendendo às suas reivindicações e prestigiando suas iniciativas. Ainda recentemente, o sr. Getúlio Vargas concedera, em nome do seu Governo, substancial auxílio para as obras do Hospital do Radialista. Aliás, S. Excelência era o presidente de honra da Associação Brasileira de Rádio. Seu passamento provocou emoção e amargura nos seus amigos radialistas, muitos dos quais tiveram a oportunidade de receber suas felicitações pessoais na época em que foram eleitos os Melhores do Rádio, conforme os flagrantes que recordamos nestas e nas páginas seguintes - desta edição.



O sr. Getúlio Vargas, cercado de artistas (em cima), cumprimenta Francisco Carlos. Em baixo, o Presidente felicitava Humberto Teixeira. No outro flagrante, o sr. Getúlio Vargas fala pelo rádio.



Matéria sobre o presidente Getúlio Vargas, publicada na *Revista do Rádio*, edição número 261, de 11 de setembro de 1954, página 7 (reprodução ampliada).

Nesta trajetória, a partir dos anos trinta a difusão política recebe significativa dimensão. “O rádio era muito utilizado pelos governos, para difundir em programas valores e objetivos, através das ondas curtas, portanto, ultrapassando o grande limite das relações internacionais daquele momento, que era o estado nacional”, aponta o historiador e professor Sidney Ferreira Leite.⁸

Entre as lembranças daquele momento, Nicolau Tuma resgata o dia 10 de julho de 1932, após o início da Revolução Constitucionalista, quando trabalhava na rádio *Record*. Por motivos políticos a emissora foi lacrada naquela data. Tuma, César Ladeira e o diretor da emissora, Paulo Machado de Carvalho (1901 - 1992)⁹, não puderam entrar no edifício sede da estação. “A polícia impediu o ingresso dos funcionários”, recordou Nicolau Tuma. Ele relatou que toda a equipe da emissora ficou na porta aguardando uma solução, até que um emissário do palácio do Governo de São Paulo chegou com uma mensagem para ser lida no ar. “A correspondência era do embaixador Pedro de Toledo (1869 - 1935), que na época era interventor do governo. Nós dissemos ao mensageiro que não podíamos entrar, por causa dos soldados armados, mas o emissário disse que era uma ordem superior e assim nós entramos. Na redação, o doutor Paulo Machado perguntou quem faria a leitura. Eu disse: eu. Eram dez e meia da manhã.”, recordou Tuma.

Após a leitura, considerada a primeira proclamação da Revolução de 32, na rádio *Record*, a redação da emissora voltou a funcionar. “Pela primeira vez o rádio foi utilizado como arma de guerra. Ele alimentava o entusiasmo da frente e ao mesmo tempo dava estímulos à retaguarda para a população continuar lutando e cada vez mais com interesse”, declarou Tuma.

Na cidade de São Paulo, o endereço da rádio *Record*, era na Praça da República, região central, esquina com a rua Barão de Itapetininga, onde no dia 23 de maio de 1932 morreram os quatro jovens revolucionários: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, que foram homenageados com o anônimo de MMDC¹⁰. Segundo a atriz

⁸ LEITE, Sidney. Historiador e professor de cultura geral, com atuação em universidades paulistas.

⁹ CARVALHO, Paulo Machado. Empresário, fundador da Rádio Sociedade Record e da Rede Record de Televisão. Nasceu em São Paulo no ano de 1901 e morreu em 1992.

¹⁰ MMDC. Acrônimo que representa os nomes dos estudantes assassinados durante a Revolução de 1932. Eram Mário Martins de Almeida, Euclides Miragaia, Dráusio Marcondes de Sousa, Antonio Camargo de Andrade. Posteriormente passou a ser MMDCA, com a inclusão de outra vítima do conflito, Orlando de Oliveira Alvarenga.

Renata Fronzi (1925 - 2008)¹¹, viúva do locutor César Ladeira, o marido testemunhou o assassinato dos quatro rapazes da janela da emissora. Em entrevista para este pesquisador, no ano de 2002, ela recordou fatos narrados por Ladeira, durante a Revolução de 1932:

Depois de ver o assassinato do MMCD, o César chamou o técnico, da Record, que colocava a estação no ar e disse: "Vamos fazer uma coisa. Esta estação tem um quilowatt. Para chegar ao Rio de Janeiro só depois da meia-noite, se não a onda não chega. Vamos colocar a estação no ar à meia-noite, porque eu vou falar da Revolução". Eles então queriam uma música para fundo às irradiações. A discoteca da *Record*, era pequena e o primeiro disco que pegaram foi o que tinha a marcha "Paris-Belfort", que ficou sendo a trilha da Revolução. O César, como jovem determinado com a questão paulista de querer ganhar a Revolução, começou a falar de madrugada. Era escondido do doutor. Paulo Machado de Carvalho, o dono da emissora. Um dia um amigo do doutor. Paulo, disse a ele: "Paulo, que coisa maravilhosa você está fazendo, colocando a estação no ar à noite, falando da Revolução, e aquele menino (César Ladeira, tinha 21 anos na época), que é muito bom, que fala em sustentar o fogo que a vitória é nossa..." Doutor. Paulo, que era muito esperto ficou quieto. Naquele dia, meia-noite ele chegou à rádio na ponta dos pés e pegou todo mundo no pulo. E claro que ele não foi bobo de tirar o César do ar, porque aquilo era um benefício para São Paulo. (Renata Fronzi em entrevista ao autor).¹²

Dessa reconstituição de época, Nicolau Tuma destacava a intensa relação dos meios impressos com o rádio: "Os dois veículos se observavam bastante. Chegávamos à Record com o jornal lido", relembra. As emissoras de rádio alimentavam-se também de informações vindas de agências de notícias internacionais, telegramas e telefonemas.

2 – Uma revolução que aproxima emissoras de rádios e jornais impressos

Na cidade de São Paulo, a parceria rádio e jornal prosperava. O jornal *A Gazeta* destacava inúmeras inserções sobre os conteúdos radiofônicos, indo além de reproduções de escutas de emissoras. Em 1932, este jornal, sob a direção do jornalista Eurico Martins, que foi preso político na época por fazer oposição ao governo getulista, trazia entre as páginas matérias sobre notícias transmitidas nas rádios. Estava documentada a indignação do tablóide diante da situação vivida no Brasil sob a administração Vargas.

¹¹ FRONZI, Renata. Atriz nascida na Argentina em 1925, porém com atuação no Brasil. Foi casada durante vinte anos com o radialista César Ladeira. Concedeu entrevista a este autor no mês de julho de 2002, relatando fatos e curiosidades sobre a vida do marido, morto no ano de 1969.

Entre as reportagens do jornal *A Gazeta*, de 1932, época da Revolução Constitucionalista, a edição, número 7.941, de 19 de julho de 1932, terça-feira, traz na primeira página uma amostragem da contrariedade ao “getulismo” com o seguinte olho, ao lado do cabeçalho:

Se o grito de guerra partiu de São Paulo, ecoando de quebrada em quebrada por todos os rincões do Brasil, foi tão sómente porque São Paulo, de todas as unidades da Federação, foi a única estrangulada, a única vilipendiada e a única humilhada pelos que em 1930 nos iludiram com as suas promessas de justiça e de ordem, de igualdade e de liberdade, de trabalho, de progresso e de paz".(Palavras do prof. Jayme Regalo Pereira, cathedratico da Faculdade de Medicina, aos seus coestadoanos do Amazonas).

Em coluna, ao lado esquerdo desta página do jornal, a publicação faz uma referência às emissoras de rádio do Rio de Janeiro, que influenciadas pelo presidente Getúlio Vargas, insistiam, nos editoriais, na idéia de separatismo por parte de São Paulo, com a seguinte abertura:

As torpezas da dictadura. A que se reduz o "separatismo" dos paulistas, ignobilmente assoalhado pelos mercenários do Sr. Getúlio. As estações de rádio do Rio de Janeiro, a serviço do dictador Getulio Vargas, têm procurado desvirtuar a natureza e a finalidade do movimento constitucionalista, dando a entender que se trata de um movimento separatista de São Paulo.

O envolvimento do rádio com a Revolução de 32 e vice versa, ocupava as páginas dos jornais, que atentos às irradiações publicavam artigos de interesse da linha editorial de cada um desses veículos. Ambos cumpriam também o papel de reproduzir o meio radiofônico para quem não possuía aparelho receptor, num paradoxo, diante do analfabetismo da maioria da população brasileira daqueles anos. A deficiência da alfabetização contribuiu para a ascensão do rádio brasileiro, na linguagem para os ouvidos. Há também de se levar em consideração a mudança estrutural, que envolve o rádio como atrativo, instrumento moderno e unificador dos anos trinta. Nos registros da época é notório o aumento da oferta de receptores para população - aquisição esta reservada a uma parcela da elite - e também audições em locais públicos. Eram assim reveladas as dimensões da Língua Portuguesa, num Brasil de diversificações de hábitos e costumes. A atenção dada ao rádio se manifestou diariamente nas publicações desse período, sobretudo durante a Revolução de 32. Intensificou-se o encurtamento de distâncias pela união do rádio com os jornais.

A presença da informação radiofônica em texto dos meios impressos, nos anos trinta, tratava-se praticamente de uma equiparação do formato ocorrido no início das transmissões de rádio no Brasil, na década de vinte, quando as leituras de jornais diários eram fontes de programas radiofônicos. As matérias, artigos, fotos, vão revelando a relação entre rádios, descrevendo textos de programas e conseqüentemente o momento político. Os confrontos de idéias e ideais de 1932 entre São Paulo e Rio de Janeiro, instalam-se nos estúdios das emissoras das respectivas cidades. Esta conclusão só é possível pelo fato dos registros em jornais que, assim como as rádios, reagem de forma contundente ao sistema. Nesse caso, *A Gazeta*, destaca-se com manchetes provocadoras e revanchistas, como a inserida no edição de domingo, 21 de agosto de 1932, sobre uma indisposição entre as rádios *Record*, de São Paulo e *Mayrink Veiga*, do Rio de Janeiro.

Desmascarando os vergo- nhosos processos da dictadura

Resposta ativa da Radio Sociedade Record a uma proposta transmittida pela Mayrink da Veiga

A Radio Sociedade Record irradiou, hontem, a seguinte mensagem, que é uma replica ativa á proposta que lhe foi feita pela Mayrink da Veiga:

"Pelo microphone da PRAK, Radio Sociedade Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, o individuo de nenhuma responsabilidade moral a quem a dictadura entregou as estações de radio que occupa militarmente, propoz o estabelecimento de uma hora, a que chamou de neutra, exclusivamente reservada á transmissão de mensagens.

A PRAR, convidada a participar desse convenio ao lado de outra estação de São Paulo, deixou de responder, ás 24 horas de hontem, conforme lhe fôra solicitado, á proposta vehiculada pela PRAK.

Deixou de responder (e essa explicação se dirige tão somente aos nossos ouvintes) porque se recusa a entrar em qualquer entendimento, seja de que natureza for, com a dictadura e seus prepostos.

Além disso, salta aos olhos do mais ingenuo que a dictadura, sob o pretexto de facilitar a troca de communicações de ordem particular entre S. Paulo e Rio de Janeiro, o que pretende de facto é privar aquelles que na Capital Federal aguardam as mensagens, das noticias que daqui transmittimos sobre o movimento constitucionalista. Limitada a uma hora determinada a irradiação das mensagens, os que por ellas se interessam, segundo supõe a dictadura, só durante esses sessenta minutos procurarão ouvir as transmissões da PRAR. Nem se diga que a nossa affirmacão não colhe por ter a dictadura também interesse em que suas irradiações sejam ouvidas em São Paulo. Os que porventura possam assim pensar esquecem-se de que a dictadura, completamente desmoralizada, sabe melhor do que ninguém o nenhum credito que merecem suas diatribes. O que ella visa exclusivamente é impedir que aos ouvintes do resto do paiz cheguem o relato verídico do que ocorre diariamente nas frentes de batalha.

Não é só. O estabelecimento da pretendida hora neutra virá facilitar, durante o resto do dia, a interferencia de onças, que inutilmente vem tentando a dictadura para impedir no Rio de Janeiro a audição das noticias irradiadas de São Paulo sobre o movimento constitucionalista.

Por tudo isso, a PRAR não participará do convenio proposto e continuará a irradiar a verdade sobre as operações do Exercito da Lei, de dia e de noite, com aquelle mesmo ardor com que, desde o primeiro instante da lucta, tem procurado servir a causa sagrada por que São Paulo se bate e se baterá até a victoria".

Reprodução de artigo de primeira página do jornal *A Gazeta* de 21 de agosto de 1932. (reprodução reduzida).

Com a movimentação sobre a Revolução de 1932, a rádio *Record*, passou a ser escuta obrigatória dos jornais. “Obviamente só eram reproduzidas as informações de interesse de cada veículo, conforme as respectivas posições políticas desses meios”, relatou Nicolau Tuma. A captação das irradiações, era feita precariamente com um sistema de gravação em fios imantados, processo anterior ao das fitas magnéticas.

O rádio nos anos trinta se faz presente nos ouvidos de uma população de maioria analfabeta, gerando audiência e credibilidade ao meio radiofônico, conseqüentemente, sem o recurso da imagem, promove-se a criação de espaços em jornais e nas revistas sobre os conteúdos e bastidores das emissoras. A inquietação diante da Revolução de 32 possibilita o estreitamento do rádio aos meios impressos.

Dos principais jornais brasileiros que firmaram associações com a radiodifusão destacam-se pela dimensão nos anos trinta, o início das redes e quantidade de emissoras, os impressos do império construído pelo empresário Assis Chateaubriand.

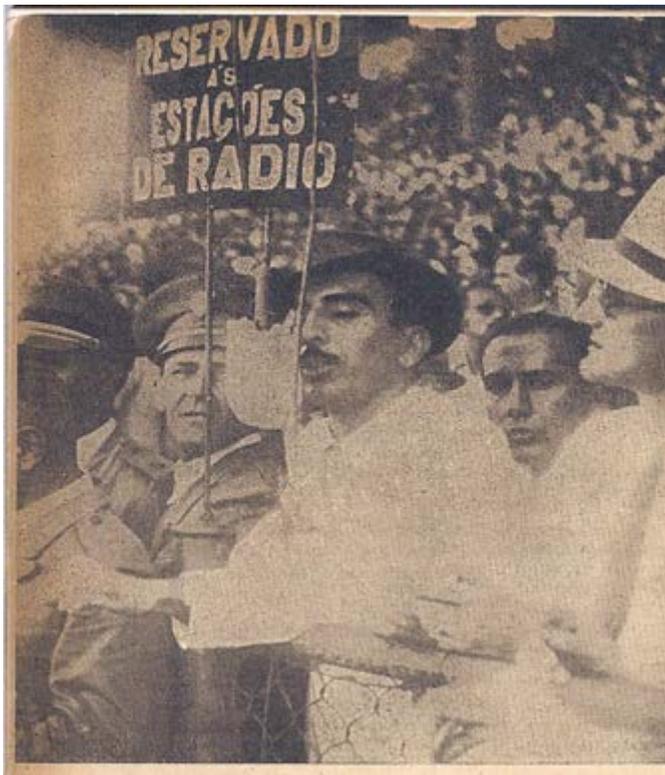
Em meio aos difíceis embates políticos e econômicos do Brasil, da primeira metade do século XX, revela-se criando a numerosa família Associada, constituída de jornais, revistas, livros, rádios, televisões e uma agência noticiosa, a Meridional. Este homem que tem uma vida inacreditavelmente agitada, fundou em cada unidade da federação pelo menos um jornal e uma rádio e em várias possui TV. Além de fundar, absorveu órgãos da maior importância e tradição do Brasil como Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Monitor Campista. Tudo isto, a inteligência e o dinamismo de Chateaubriand, de multiforme atividade – diplomata, político, industrial criou em menos de 30 anos. (IPANEMA, 1967: 320).¹³

A repercussão sobre a evolução do rádio atinge as editoras, que passam a criar novos produtos, com temática focada no veículo de comunicação que se desenvolve através do som. E a imagem? Esta terá exploração cada vez mais intensa nas revistas e jornais, com publicações exclusivas para determinadas emissoras, muito antes do cinema dirigir um olhar para artistas e radialistas inseridos em filmes do período.

¹³IPANEMA, Marcelo e Cibele. **História da Comunicação**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1967. Página 320.

3 - Tuma e Ladeira, vozes da revolução radiofônica.

O movimento de 1932, além da revolução política, conseqüentemente revolucionou o meio radiofônico tendo aos microfones protagonistas como os locutores Cesar Ladeira e Nicolau Tuma. Este teve uma trajetória intensa sobre a profissão de advogado e político, aliada a de comunicador radiofônico. Viveu 95 anos. Morreu em 11 de fevereiro de 2006 e deixou uma verdadeira escola sobre as narrativas de futebol, corridas de cavalos e automóveis. Nicolau Tuma atuou na política brasileira, iniciando esta carreira via ondas do rádio em 1932. Em 1934, Tuma passa a ser conhecido também pelas irradiações esportivas do período, desenvolvendo assim uma abordagem com rápida locução, para acompanhar todas as seqüências das partidas, o que lhe rendeu o apelido de “*speaker* metralhadora”. Das transmissões políticas, sobretudo da Revolução de 1932, ele ressaltou que : “não era fácil, pois além das limitações vivíamos períodos de censura no país. O Brasil padecia muito com governos fortes, e governos fortes não gostam da palavra liberdade”, declarou.



Nicolau Tuma (chapéu escuro), ao microfone, em atuação no autódromo da Gávea, no Rio de Janeiro. Publicação da página dez da revista *PRANOVE*, edição número oito, de janeiro/fevereiro de 1939 (reprodução ampliada).

4 - A César o que é de César...

O jornal *A Gazeta*, do dia 17 de agosto de 1932, quarta-feira, na página quatro, publicou em segunda edição, uma nota exaltando o locutor César Ladeira pela atuação dele diante dos microfones da rádio *Record*, durante a Revolução Constitucionalista em São Paulo. Por essa atuação, Ladeira tornou-se uma das personalidades mais respeitadas do meio rádio e um dos símbolos do movimento revolucionário. Em 1933, César Ladeira transferiu-se de São Paulo para o Rio de Janeiro. No dia 1 de setembro daquele ano ele foi contratado como diretor da rádio *Mayrink Veiga*. No comando da emissora, Ladeira convidou grandes nomes da música popular brasileira, para a programação artística e passa a ter estreito contato com estes. "O César era um apelideiro, ele colocava nome em todo mundo", lembrou Renata Fronzi. Entre os cantores apelidados por Ladeira estão: Carmem Miranda, que antes era chamada de "A Ditadora Risonha do Samba", virando então "A Pequena Notável"; Francisco Alves deixa de ser o "Príncipe dos Cantores", transformando-se em "O Rei da Voz"; Silvio Caldas, "O Caboclinho Querido".



Nota publicada no jornal *A Gazeta*, do dia 17 de agosto de 1932 (reprodução ampliada).

CONCLUSÃO

A partir da década de 1930 o rádio vai revelar uma face prestadora de serviços sobre a informação, encontrando significativo desenvolvimento nas questões políticas. A Revolução de 1932 foi de extrema importância para uma percepção mais criteriosa sobre a produção radiofônica, e todas as possibilidades que esta mídia com linguagem para os ouvidos poderia proporcionar. O rádio era um meio novo e os radialistas eram jovens determinados, curiosos, criativos e seduzidos pela dimensão oferecida pela novata radiodifusão, num período revolucionário que contava também com a força da juventude e empenho, diante de um quadro de indignação sobre a situação política, no enfrentamento de fatores como a alienação, analfabetismo, hábitos e costumes tradicionais da terceira década do século XX. O poder governamental mostrava força e o rádio também. Este porém passava por dominação e controle da legislação vigente. Modificou-se assim os rumos idealizados inicialmente, com foco na democratização da informação para a educação da sociedade, que passa a ouvir rádio credidando audiência, fortalecendo este meio através de fidelidade. Dessa forma, locutores como César Ladeira e Nicolau Tuma, estudantes de Direito, sentiam o peso da responsabilidade, sobre a condução da informação que transmitiam e assim buscavam aprimoramento, criando involuntariamente uma verdadeira escola diante de um analfabetismo que não impedia o acesso ao noticiário. Podiam ouvir. Os iletrados foram conduzidos para os meios impressos, atraídos pelos registros radiofônicos que passaram a ser publicados referentes aos bastidores e produções radiofônicas.

Referências bibliográficas:

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio; o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2000.

IPANEMA, Marcelo e Cibele. **História da Comunicação**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1967.

MATHEUS, Roberto Ruiz de Rosa. **Edgard Roquette-Pinto - aspectos marcantes de sua vida e obra**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura 1984.

MORAIS, Fernando. **Chatô: O Rei do Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo. 1991.

NETTO, Acciolly. **O Império de Papel, os Bastidores de O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: Sulina 1998.

NOBRE, Freitas. **História do Jornal em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1957.

NUNES, Monica Rebecca Ferrari. **O mito do rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume Editora, 1993.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**. São Paulo: Ed. Summus, 1986.

PEROSA, Lilian Maria F. de Lima. **A hora do clique: análise do Programa de rádio Voz do Brasil da velha a nova República**. São Paulo: Annablume: ECA-USP, 1995.

SOUZA, Paulo César. **Brechet Poemas – 1913 – 1956**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

THIRSO, Pires. **Almanaque do Rádio Paulistano de 1951**. São Paulo: Ed. Thyrso Pires, 1951.

VAZ. Pedro Serico Filho. **A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e Revistas do Século XX**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2009.

Referência audiovisual:

VAZ. Pedro Serico Filho. **Rádio no Brasil 80 anos**. Documentário. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2002.